

## **SOFRIMENTO NO TRABALHO NA VISÃO DE DEJOURS**

**RODRIGUES, Patrícia Ferreira**

Discente do curso de Psicologia da Faculdade de Ciências da Saúde – FASU/ACEG –  
Garça/SP - Brasil  
e-mail: patfero@terra.com.br

**ALVARO, Alex Leandro Teixeira**

Docente do curso de Psicologia da Faculdade de Ciências da Saúde – FASU/ACEG –  
Garça/SP - Brasil  
e-mail: alexalvaro@ig.com.br

**RONDINA, Regina**

Docente do curso de Psicologia da Faculdade de Ciências da Saúde – FASU/ACEG –  
Garça/SP – Brasil  
e-mail: rcassiar@terra.com.br

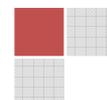
### **RESUMO**

A Psicopatologia do Trabalho tem na obra de Dejours uma de suas principais fontes atuais de referência; sua visão de sofrimento no trabalho tem trazido novas luzes sobre essa especialidade e contribuído com inúmeras obras para o seu desenvolvimento. Esse estudo sobre o sofrimento no trabalho, na visão de Dejours traz alguns dos subsídios teóricos, fornecidos por esse cientista sobre o assunto, abordando a gênese de seu pensamento inovador, investigando as causas do sofrimento, e os conceitos de normalidade e sofrimento no trabalho.

**Palavras-chave:** Dejours, psicopatologia do trabalho, sofrimento

### **ABSTRACT**

The Psychopathology of Work has in the thought of Dejours one of their main current sources of reference, it suffering vision in the work has been bringing new lights about that specialty and contributed with countless works to it development. This paper that treats about the suffering in the work in the vision of Dejours brings some of the theoretical subsidies supplied already by that scientist on the subject, approaching the genesis of it innovative thought,



investigating the causes of the suffering and the normality concepts and suffering in the work.

**Keywords:** Dejours, the psychopathology of work, suffering

## 1. INTRODUÇÃO

O sofrimento no trabalho constitui-se uma das conseqüências da insistência do ser humano em viver em um ambiente que lhe é adverso. A relação do homem com o trabalho nunca foi fácil, até mesmo a etimologia da palavra denota algo penoso e, até mesmo, indesejado (“tripalium”, instrumento de tortura feito com três paus)

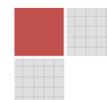
Houve tempos em que as patologias associadas ao trabalho eram, em sua grande parte, somáticas. No entanto, essa realidade tem mudado, especialmente, no período pós anos 1960, quando o trabalho começou a ganhar componentes, cada vez mais, psicopatológicos, sendo, justamente, a partir dessa época que se inicia o desenvolvimento do pensamento dejouriano.

Este artigo procura, a partir da visão de Dejours, identificar as raízes do sofrimento no trabalho e compreender a relação do trabalhador com esse sofrimento, e a circunstância em que o próprio trabalho se revela uma ameaça à saúde do trabalhador.

## 2. DESENVOLVIMENTO

### 2.1. A gênese do pensamento de Dejours

A gênese do pensamento dejouriano, sobre o sofrimento humano, encontra-se nos fundamentos do desenvolvimento industrial do século XIX, caracterizado pelo crescimento da produção, êxodo rural e concentração de novas populações urbanas, portanto, com destacado cunho sociológico. O



período era de precárias condições de trabalho, emprego de crianças na produção industrial, salários insuficientes para a subsistência e elevado número de acidentes. A sociedade industrial convivia com alta morbidade, crescente mortalidade e uma longevidade, extremamente, reduzida, e a batalha pela saúde era a própria luta pela sobrevivência (DEJOURS, 1998).

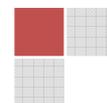
Para Dejours (1998), as exigências do trabalho e da vida são uma ameaça ao próprio trabalhador, que acusa riscos de sofrimento (o que era conhecido como Miséria Operária), que se compara a uma doença contagiosa, devendo ser encarada e tratada como tal, surgindo daí um movimento denominado higienista como resposta social ao perigo.

Foi à época da Primeira Guerra Mundial que os operários organizados e com força política conquistam aquilo que Dejours chama, literalmente, de direito à vida; e, a partir de então, os trabalhadores buscaram salvar o corpo dos acidentes, prevenir as doenças profissionais e as intoxicações e assegurar aos trabalhadores cuidados e tratamentos convenientes (DEJOURS, 1998).

Para Dejours (1998), a primeira vítima do sistema não é o aparelho psíquico; mas, sim, o corpo dócil e disciplinado, entregue às dificuldades inerentes à atividade laborativa; e, dessa forma, projeta-se um corpo sem defesa, explorado e fragilizado pela privação de seu protetor natural, que é o aparelho mental. De 1914 a 1968, a luta pela sobrevivência operária dá lugar à luta pela saúde do corpo.

Passado o ano de 1968, observa-se o que Dejours (1998) chama de desenvolvimento desigual das forças produtivas. Esse período é marcado por uma crise do sistema taylorista, ocorrendo greves, paralisações de produção, absenteísmo, sabotagem da produção, que induzem à busca de soluções alternativas, para tais problemas.

A reestruturação da tarefa (Dejours, 1998) surge como resposta à necessidade de substituir a Organização Científica do Trabalho; e traz à tona amplas discussões sobre o objetivo do trabalho, sobre a relação homem-tarefa



acentuando a dimensão mental do trabalho industrial. Com o desenvolvimento industrial-tecnológico, a carga física do trabalho diminui, sendo estabelecidas novas condições, descobrindo-se, então, sofrimentos insuspeitos e, assim, acentua-se a dimensão mental do trabalho.

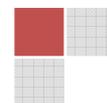
## **2.2. As causas do sofrimento no trabalho, segundo Dejours**

Foi a partir do início dos anos 80 que a Psicopatologia do Trabalho se preocupou em fundamentar a clínica do sofrimento, na relação psíquica com o trabalho. Nessa nova abordagem o trabalho (CODO et al., 1993), na clínica psicológica, pode então ultrapassar seus conceitos filosóficos, econômicos e sociológicos, passando a ser definido como uma psicopatologia, sendo que a etiologia (o agente causal) dessa psicopatologia tem sua origem nas pressões do trabalho; pressões essas que põem em xeque o equilíbrio psíquico e a saúde mental, na organização do trabalho (DEJOURS, 1994).

Dejours (1998) afirma que as relações de trabalho, dentro das organizações, freqüentemente, despojam o trabalhador de sua subjetividade, excluindo o sujeito e fazendo do homem uma vítima do seu trabalho.

Um dos mais cruéis golpes, que o homem sofre com o trabalho é a frustração de suas expectativa iniciais sobre o mesmo, à medida que a propaganda do mundo do trabalho promete felicidade, e satisfação pessoal e material, para o trabalhador; porém, quando lá adentra, o que se tem é infelicidade e, na maioria das vezes, a insatisfação pessoal e profissional do trabalhador, desencadeando, então, o sofrimento humano nas organizações.

Segundo (Dejours, 1998), essa situação deu-se com maior intensidade após a década de 1960, quando houve uma aceleração desigual das forças produtivas, das ciências, das técnicas e das máquinas. Todos esses fatores, aliados às novas condições de trabalho - que podem ser entendidas por meio do ambiente físico (luminosidade, temperatura, barulho); do ambiente químico

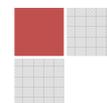


(poeiras, vapores, gases e fumaças); do ambiente biológico (presença de vírus, bactérias, fungos, parasitas); pelas condições de higiene, de segurança e as características antropométricas do posto de trabalho nas indústrias; facilitaram o aparecimento de sofrimentos insuspeitos na vida dos operários.

Os sofrimentos insuspeitos não se apresentam de uma maneira uníssona, no pensamento de Dejours (1993); eles estão associados a fatores históricos, laborativos e àqueles favoráveis ou não para a vida do trabalhador, relacionados à própria vida humana e ao trabalho. São discriminados como: a) sofrimento singular (dimensão diacrônica): é herdado da história psíquica de cada indivíduo; b) sofrimento atual (dimensão sincrônica): ocorre quando há o reencontro do sujeito com o trabalho; c) sofrimento criativo: quando o sujeito produz soluções favoráveis para sua vida, especialmente, para sua saúde; e d) sofrimento patogênico: é ao contrário do sofrimento criativo, ou seja, quando o indivíduo produz soluções desfavoráveis para sua vida e que estão relacionados à sua saúde.

### **2.3. O conceito de normalidade**

A normalidade é considerada um enigma na nova dinâmica da Psicopatologia do Trabalho, pois, a maioria dos trabalhadores não consegue preservar um equilíbrio psíquico e manter-se na normalidade, a exceção passou a ser a regra, ou seja, a regra hoje é o sofrimento e não a normalidade. A partir dessa constatação, as investigações na área da Psicopatologia do Trabalho centram-se, não mais na direção das doenças mentais, mas, nas estratégias elaboradas pelos trabalhadores para enfrentarem, mentalmente, a situação de trabalho. A partir desse novo paradigma, Dejours (1994) define a normalidade como o equilíbrio psíquico entre constrangimento do trabalho desestabilizante ou patogênico e defesas psíquicas.



O equilíbrio seria o resultado de uma regulação que requer estratégias defensivas especiais, elaboradas pelos próprios trabalhadores; porém, a normalidade conquistada e conservada pela força é trespçada pelo sofrimento (DEJOURS, 1994).

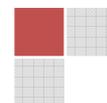
#### **2.4. Bem-estar e sofrimento, e o teatro do trabalho**

Dejours (1994) traz uma abordagem bastante ampla sobre o conceito de sofrimento do trabalho, em especial, pode-se destacar sua abordagem sobre a ambivalência “bem-estar” e “loucura”, e sua visão sobre o “teatro do trabalho”.

Quando Dejours fala da ambivalência bem-estar e “loucura” quer dizer que o sofrimento no trabalho pode ser entendido “como o espaço de luta que ocorre o campo situado entre, de um lado, o bem-estar, e, de outro, a doença mental ou a loucura” (DEJOURS, 1993, p. 153).

O bem-estar está relacionado à idéia de ambiente gratificante e, assim, quando o mesmo é realizado em tal ambiência, leva os trabalhadores a gostarem do produto realizado. Já, a idéia de sofrimento está relacionada à subjugação do trabalho e, quando isso ocorre, se imprime raiva ao produto. Percebe-se, assim, que o trabalho está conformado pelo afeto. Essa idéia de afeto implica “amor” ou “ódio” ao trabalho e gera outros binômios paralelos: “alegria” ou “tristeza”, “entusiasmo” ou “desânimo”, “anelo” ou “desprezo”. Como a grande maioria das vezes, o trabalho acaba se associando mais à idéia de sofrimento, as pessoas acabam rompendo o conceito afeto/trabalho tornando o primeiro restrito ao lar, à família, expulsando o segundo de sua relação afetiva; e, assim, o trabalho fica desafetivado e, conseqüentemente, insuportável (CODD et al., 1993).

Para construir a idéia de Dejours, sobre o teatro do trabalho, é importante destacar, inicialmente, a sua percepção de que o sofrimento é inevitável e ubíquo (DEJOURS, 1994), ou seja, está em toda a parte.



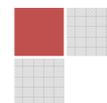
A origem do sofrimento, por sua vez, tem suas raízes na história singular de toda pessoa. O autor diz que o sofrimento repercute naquilo que ele chama de “teatro do trabalho”, ao entrar numa relação com a organização do trabalho. Dejours quer dizer, com isso, que o sofrimento é individualizado e depende da construção social e psíquica de cada pessoa. E que isso, invariavelmente, acaba repercutindo no ambiente de trabalho, em seu “teatro”, com os seus “personagens” (patrão, empregado, supervisor, colega de trabalho), “seu enredo” (a estrutura de poder e hierarquia, preconceitos, valores), “o cenário” (o macro-ambiente, o desemprego, a instabilidade, as incertezas); até mesmo, “espectadores” (família, amigos, adversários), que, afinal, “aplaudiram” ou não, numa analogia com a vida real, o fruto de uma vida, aprovando-a ou não. E como a busca pela aprovação é quase que uma unanimidade na vida das pessoas, sua falta pode trazer um terrível incômodo e sofrimento psíquico.

Esse “teatro do trabalho”, na grande maioria das vezes, acaba, por fim, a se converter em um verdadeiro “drama” da vida real, de maior ou menor intensidade de sofrimento, dependendo do conjunto “personagem, enredo, cenário, platéia”, que pode ser mais opressivo ou não. Por exemplo, em uma sociedade, extremamente, machista, a mulher tende a apresentar um nível de sofrimento no trabalho maior do que em sociedades mais liberais, convivendo com iguais cobranças, menores salários, dentre outras perdas, como o assédio sexual, os estigmas da fragilidade e da inferioridade intelectual.

Logo, percebe-se que a normalidade, mesmo com todo o esforço para obtê-la, é muito difícil, senão impossível de se obter, ante um meio tão adverso em que se converte esse “teatro laborativo”.

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A obra de Dejours representa um marco da Psicopatologia do Trabalho. Sua epistemologia enriqueceu essa temática ao ponto em que, dificilmente, se



pode abordar qualquer assunto sobre sofrimento no trabalho, sem que se passe por algum conceito elaborado por Dejours.

Portanto, este artigo reveste-se de uma importância significativa à medida que expõe, de maneira sintética, um pouco do pensamento dejouriano sobre sofrimento no trabalho; um tema tão presente e próximo da realidade de todos os trabalhadores e da prática profissional do Psicólogo, tanto daqueles que militam em Psicologia Organizacional, como os que lidam com o sofrimento, clinicamente, em seus consultórios.

#### 4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CODO, W. et al. **Indivíduo, trabalho e sofrimento: uma abordagem interdisciplinar**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

DEJOURS, C. **Uma nova visão do sofrimento humano nas organizações**. O indivíduo na organização: dimensões esquecidas. São Paulo: Atlas, 1993.

\_\_\_\_\_. **Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento trabalho**. São Paulo: Atlas, 1994.

\_\_\_\_\_. **A banalização da injustiça social**. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

\_\_\_\_\_. **A loucura do trabalho: estudo de Psicopatologia do Trabalho**. São Paulo: Cortez, 1998.

